

TRADUZIR SOB O RISCO DE INTERPRETAR: PEDIR ASILO OU EXÍLIO NA LÍNGUA DO OUTRO¹

TRADUIRE AU RISQUE DE L'INTERPRETATION : DEMANDER ASILE OU EXIL DANS LA LANGUE DE L'AUTRE

TRANSLATING AT THE RISK OF INTERPRETING: SEEKING ASYLUM OR EXILE IN THE LANGUAGE OF THE OTHER



Claire GILLIE
Psicanalista

Doutora em antropologia psicanalista pela Universidade de Paris VII – Denis Diderot
França, Paris

<http://www.ep.univ-paris-diderot.fr/recherche/crpms/chercheurs-associés/cas-07-6/gillie.claire@gmail.com>

Simpósio Europeu de Política de Acolhimento. Ética da tradução.
Quinta-feira, 7 de dezembro de 2017.

1

Traduzido por:

Sabine GOROVITZ
Professora Associada
Universidade de Brasília
Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Brasília, Distrito Federal, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/1128682155965179>
<https://orcid.org/0000-0001-5148-7785>
sabinegz@gmail.com

Suely Ferreira de CARVALHO
Bacharel em Letras/Tradução-Francês
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Brasília, Distrito Federal, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5705985872976901>
<https://orcid.org/0000-0002-2976-582X>
suelycar@gmail.com



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

*Rien n'est précaire comme vivre
Rien comme être n'est passager
C'est un peu fondre pour le givre
Et pour le vent être léger
J'arrive où je suis étranger
Un jour tu passes la frontière
D'où viens-tu mais où vas-tu donc
Demain qu'importe et qu'importe hier
Le coeur change avec le chardon
Tout est sans rime ni pardon²*
Aragon

Nós viemos de Babel: continuamos no entremeio de línguas, onde nos convida o ato de traduzir? O tradutor não se encontraria na posição subserviente de ter que servir a dois mestres simultaneamente: a língua nativa e a língua de acolhimento? Como ele resolve o que Benjamin (1971) chamou de “equação surda entre duas línguas”, rompendo “as molduras carcomidas da sua própria língua”³?

2

O tradutor, capturado no efeito Babel, é um restaurador da letra ameaçada pela perda e pelo afogamento cultural. Ele capta as palavras à deriva, abaladas pelos autos de fé ou pelas radicalizações. Dá-se, então, um verdadeiro corpo a corpo, letra a letra, sintaxe a sintaxe, entre os significantes e os conceitos. E esse “tradutor em ação”, confrontado com a experiência da “tradução finita e infinita”, torna-se, portanto, um passador, confrontado com a difração metonímica do significante e com essa operação transtextual que deixa cicatrizes no texto de origem.

Do contato fugaz entre *as* línguas⁴ às dores de dar à luz às palavras na *outra* língua, é todo um processo que se desencadeia, seja para o migrante, seja para o analisando. E que pode encontrar uma Resistência ao efeito de verdade de um Dizer, que mantém o tradutor e o analisando atentos.

Aqui vou comparar/aproximar/colocar em perspectiva duas frases que ouvi: uma enquanto trabalhava à noite entre migrantes, a outra a partir do divã de um analisando. Um trabalhador da Romênia mantinha um silêncio hostil, mesmo diante de seus compatriotas, assustando a equipe noturna. Ele mostrava o punho quando falavam com ele ou cuspiam. Uma noite, durante um cafezinho, ele foi convidado a traduzir a seguinte pergunta: “o que você quer nos dizer com o teu punho e quando cospe?”. Ele respondeu: “falar na tua língua, isso queima a minha garganta como o teu café. Não consigo mais chorar, então eu cuspo”.

Curiosamente, anos depois, um analisando comediante pontuava seus fins de frase batendo no divã, deixando cair o punho estendido e cerrado. Ele disse: “Você sabe por que eu estendo meu punho e o fecho com tanta força? Porque se eu o abrisse, uma lágrima escaparia...”.

Onde as palavras se dissipam, onde a língua não encontra mais a linguagem, o corpo assume o controle. Traduzir não é passar de uma língua à outra, se arriscando ao indizível? Interpretar não é passar de uma escuta à outra, se arriscando ao inaudível? A tradução não corre o risco de encontrar o umbigo da língua (Gillie, 2013, p. 111), o intraduzível, deixando então espaço para a interpretação? A interpretação não corre o risco de desencadear um ponto surdo que impossibilita a hospitalidade ao estranho que se esconde no estrangeiro?

No entanto, nos cabe traduzir na “língua das línguas” e na “língua da análise” os termos “traduzir” e “interpretar”, que não possuem a mesma acepção nos dois campos conceituais. E assim, reservar um tempo para se perder no entremeio das línguas, que desde Babel nos espia e desfoca as fronteiras... Antes de se perguntar o que acontece com o sujeito social e o sujeito do inconsciente, quando confrontados com esses passadores de língua que são os tradutores e os analistas.

Somos todos — ou já fomos — solicitantes de asilo no lugar do Outro, e na língua do Outro, na urgência social e/ou na urgência psíquica de encontrar uma terra de acolhimento; sob risco da alofonia e de “efeitos de refúgio”.

No entremeio das línguas... sob o risco de interpretar

Lembremos a etimologia do verbo “traduzir”. Esse verbo vem do latim *tradūcere*, composto por *trans* “através” e *dūcō* “levar, conduzir”. Traduzir é transpor de uma língua à outra. Na acepção jurídica, significava “transferir de um lugar para outro”, mas ainda significa “mandar alguém à justiça, para que ele possa ser julgado”. Por extensão, esse termo também é usado em francês para dizer “explicar, interpretar, expressar” (Gillie, 2014).

Mas o verbo traduzir não resiste bem à tradução. Em alemão, por exemplo, o verbo traduzir é *übersetzen*. *Setzen* significa colocar. Infligir à letra uma *übersetzen* é, portanto, deslocalizar um texto, deslocalizá-lo do gozo de uma determinada língua para oferecer a ele outras modalidades de gozo em uma nova língua de acolhimento. Trata-se, portanto, de oferecer a ele um lar de acolhimento em um novo léxico e pedir que ele se revista de novos significantes: dessa forma, é uma operação de transfiguração da letra, esperando que no final haja uma concordância (*Übereinstimmung*).

Para harmonizar o francês e o alemão, eu diria que o tradutor é — em minha opinião — um “passador de línguas” confrontado com a difração metonímica do significante. O sujeito tradutor é o suporte à fronteira entre as línguas, enquanto o intérprete é um dublador, um dublê. No psicodrama, pode-se sugerir a uma criança muda que um dos coterapeutas interprete o seu dublê e empreste a ele sua voz e suas palavras. Ele “inter-presta”, portanto, permitindo a hipótese de um dizer embrionário que encontra ali sua superfície de projeção.

A interpretação vem do latim clássico *interpretatio* — “explicação, tradução”. Embora possa certamente ser um sinônimo, chega a nós em seu primeiro significado (1165) de “indicação do futuro por meio de um sonho”, antes de se tornar “ação de interpretar um ato, um comportamento . . . de dar a ele um sentido” ou “ação de interpretar um texto cujo sentido não é óbvio”. Na “língua das línguas”, esse termo é reservado à tradução das palavras de um orador, frequentemente em simultaneidade ou alternância, enquanto o termo “tradução” é reservado à tradução de textos escritos; ela age sobre o tempo e um texto pode levar anos para ser traduzido.

4

O trabalho do analista não é traduzir, mas interpretar, passar de um discurso a outro. A interpretação não existe para dar sentido, e menos ainda um sentido equivalente, mas para fazer com que o discurso do analisando dê um *pas de côté*, fazendo-o ouvir a língua de outra maneira. Às vezes, a interpretação está nas mãos do analisando, tomado por um delírio de interpretação... Mas isso é outra história...

Somos capazes de falar porque fomos traduzidos desde o nosso nascimento. Nosso “grito puro” passou a ser um “grito para” — como Michel Poizat (1998) dizia belamente, pois ele encontrou nossa primeira tradutora: nossa mãe ou alguém que assume seu lugar. Cada um de nós, de todos os sexos, foi confrontado com a transição do balbuciar para a língua, entre oito e dez meses, neste momento crucial que Alain Delbe (1995) chamou de “*le stade vocal*”, e que nos faz reconhecer, ouvindo qualquer bebê estrangeiro dessa idade, as premissas sonoras da língua e da linguagem em gestação. É um momento fronteiro em que a criança terá de abandonar certa bagagem fonemática para se concentrar em uma seleção de fonemas que são os da sua língua materna. Ela terá que aguçá-los, aperfeiçoá-los, até que sejam organizados em unidades significantes, aderindo ao modelo materno do qual ela extrairá seu tesouro de significantes que deve conquistar por meio de escutas e repetições vacilantes. É este momento que Lacan chama de “lalangue”. É um momento fundador do “parlêtre”: a criança começa finalmente a articular com precisão os significantes que permitirão o vínculo social. Ora, exatamente no momento preciso em que a criança entra na linguagem, ela deve sofrer uma

perda vocal de quase 75% de sua bagagem fonética. De acordo com Alain Delbe, a palavra viria, então, castrar a voz. Esse momento vem questionar a passagem do estágio vocal para o estágio verbal, ou melhor, a passagem do vocal ou vocábulo, anterior ao estágio do espelho (Gillie, 2016).

Desde o jardim de infância, passando pelas poesias infantis e canções em línguas estrangeiras, podemos dar à criança que foi um bebê poliglota a chance de manter contato (mais que fugaz) com “as” línguas cujos resíduos residem na “lalangue”.

A tradução: do contato fugaz entre as línguas às dores do parto

De fato, a tradução nos convida a uma leitura lúcida, tal como o analisando e o analista que se aventuram, balbuciando e tropeçando, no entremeio das línguas.

Na “operação de tradução”, quando se coloca a língua na mesa de cirurgia dos tradutores, quais riscos se correm para se chegar a uma decisão no corpo da letra? Que corpo modificado, restaurado ou aleijado emergirá dele? A tradução não seria uma faca de dois gumes que corre o risco de se voltar contra o falante, o “parlêtre”, e contra o tradutor (Gillie, 2017)? A metonímia entra aqui em ação: a significação resiste ao sentido, que constitui um obstáculo. A palavra então insiste, retorna e se impõe, animada de vida própria. Julien Green (2004), este perfeito bilíngue francês/inglês, fala de *Le langage et son double* em relação à tradução, insistindo na sonoridade e na musicalidade da língua, que não podem ser traduzíveis.

Este momento da operação — em outras palavras, o que é posto em jogo no ato da tradução — leva o tradutor a abrir o texto, puncioná-lo, enxertar neologismos da outra língua, e depois costurá-lo de novo.

O ato de traduzir é um ato de restauração da letra: os textos antigos transitam até nós pela tradução, mas depois ressuscitam “transfigurados” por esse trabalho meticuloso de devolver a eles suas cores de origem, com tons feitos de outros pigmentos. Os termos são capturados na febre do discurso: cabe ao tradutor a tarefa de derrubá-los. Como na dublagem, trata-se de emprestar sua voz e sua língua àquele que fala em sua própria língua. A pergunta que é feita à tradução e ao tradutor refere-se ao olhar sobre a operação de tradução com base na hipótese do inconsciente, aguçado pelas referências às reflexões teóricas e à clínica, ou pela troca que ocorre no consultório do psicólogo que recebe o migrante. Nesse caso, a transferência é fragmentada entre a fala endereçada ao clínico e a fala endereçada ao intérprete.

Tratando-se da operação de tradução, elaborei quatro teses:

1. A primeira abriu este artigo: o tradutor não se encontraria na posição auxiliar de ter que servir a dois mestres, ou melhor, a duas mestras, ao mesmo tempo, quais sejam, a língua-fonte e a língua de acolhimento? Tomarei emprestado de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (como citado em Toutin, 1984), esse delicioso diálogo que se dá quando Alice atravessa o espelho e encontra Humpty Dumpty. Ele lhe diz: “Quando eu emprego uma palavra... ela significa exatamente o que eu quero que ela signifique... nem mais, nem menos...” Para o que Alice retruca: “A questão é se você tem o poder de fazer com que as palavras signifiquem algo diferente do que elas querem dizer”. “A questão”, responde Humpty Dumpty, “é saber quem será o mestre — ponto final.” Humpty Dumpty está no discurso do mestre e Alice, no discurso do analista.

2. O sujeito “tradutor em ação”, mais comumente chamado de “tradutor”, é movido pela obsessão pela verdade da letra, que pode vir como um sintoma.

6 3. Traduzir é operar um movimento de passagem de uma língua à outra. A língua de origem se encontrando em posição de solicitante de asilo na língua do outro.

4. A tradução é transposição, transliteração de uma letra que permanece em sofrimento para o falante na sua língua. A tradução torna-se transmissiva: é uma operação transtextual que deixa cicatrizes no texto de origem. Às vezes, essa transposição do texto se transforma em uma espécie de “conversão”, os dogmas e os clichês linguísticos da língua de acolhimento exercendo sua influência, até mesmo seu esmagamento da língua-fonte.

Sabemos que Freud e Lacan ingressaram no discurso analítico através da tradução.

Freud traduzindo John Stuart Mill (12º volume das obras completas de 1878/1879), depois Charcot (tradução das *Leçons du mardi*) e ainda Hipólito Bernheim (Sobre a *De la suggestion et de ses applications à la thérapeutique* 1889 /*Hypnotisme, Suggestion, Psychothérapie* 1892). É curioso salientar que Freud só voltou à tradução no ano da sua morte, juntamente com a sua filha Anna, para traduzir nada menos do que um texto de Marie Bonaparte (2004) sobre o seu cão Topsy. Lembremos também que ele, duvidando da traduzibilidade de *A Interpretação dos Sonhos*, teria defendido que a sua obra fosse reescrita diretamente em outra língua, com outros exemplos de sonhos.

Quanto a Lacan, ele traduziu em 1932 um artigo de Freud de 1922, *Über einige neurotische Mechanismen bei Eifersucht, Paranoia und Homosexualität* [*Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade*]⁵. Ele se torna o passador da letra freudiana, também desenterrando a outra língua, o outro da língua, a “outridade” da qual procede qualquer língua⁶.

Marie-Bonaparte, ela própria trilingue — em quem Freud pensara em fevereiro de 1926 para dirigir a edição francesa de suas obras completas — entra igualmente no discurso analítico pela tradução, na transferência a Freud. Conhecemos a paixão mutilante de Marie Bonaparte pelas operações. Freud pede que ela passe, por assim dizer, das operações no corpo para as operações na letra. Sua missão seria revelar aos analistas franceses o que o alemão mascara nos textos de Freud.

A tarefa do tradutor: uma pulsão de traduzir?

Benjamin escreveu *La Tâche du traducteur*¹ em 1923 (*Die Aufgabe des Übersetzers*), quando acabava de publicar em Heidelberg, em edição bilingue, sua tradução dos poemas de Baudelaire, *Tableaux parisiens*. Para ele, a palavra *Brot* não é traduzível pela palavra *pão*. *Brot* é o pão preto geralmente acompanhado de frios, enquanto *pão* é a baguete branca, acompanhada de manteiga, café preto ou leite. Para ele, uma tradução é uma forma⁷. A má tradução visa à comunicação do sentido. O mau tradutor, em sua inocência, acredita na comunicação entre as línguas. Ele ainda não teorizou sua própria posição (*Setzung*) de mediador, de passador. Ele é o homem da transparência do signo, que ignora a espessura da língua que a arte e a escrita sublinham. Em outras palavras, há restos. Há algo intraduzível. Para ele, o tradutor “é o *Übersetzer*; tende à verticalidade; coloca as coisas acima dessa verticalidade, coloca a lei acima da fixidez. Ele é um homem aéreo que sempre transborda o que tende a se estabelecer na fixidez. Ele é a própria errância, aquele que propicia a passagem por cima da terra, o construtor de pontes, de arcos”.

É importante entender a diferença de movimentos que está oculta no “traduzir” para o francês e *übersetzen* para o alemão. Para o francês, traduzir é um movimento lateral de translação. Para o alemão, é “assentar”, diz Benjamin, colocar (*setzen*) por cima da língua

¹ A obra em francês foi lançada em 1971; em português, foi publicada em 2008 em: BRANCO, Lucia Castello. A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

materna. Neste movimento, as línguas se atritam umas nas outras. Para Benjamin, a tarefa do tradutor é o contato fugaz entre as línguas.

Segundo Laplanche (1997, p. 268), ir em direção ao outro é um “impulso de desejo que reflete uma formidável pulsão de traduzir”. Ele continua: “esse tropismo do deslocamento permite adentrar lugares estrangeiros”. Essa pulsão do traduzir é a alavanca do ato de traduzir, que assume a aparência surmoica de um “dever traduzir”. Se voltarmos à “tarefa do tradutor”, de acordo com Benjamin, ela implica, portanto, distanciar-se da escrita e ajustá-la ao diapasão da história. Esse retorno à língua originária não pode eclipsar as mutações geradas pela tradução. Esse ideal de completude das línguas encontra “as dores do parto das palavras de sua língua”.

Nesse entremeio, não podemos prescindir do choque das línguas.

O choque das línguas

Freud, com base nos *Traités philologiques* de um certo Abel⁸, já havia notado que existia “uma série de palavras que designavam simultaneamente uma coisa e o oposto dessa coisa”⁹. Encontramos esse estado de coisas na palavra inglesa *without* que pode ser traduzida em francês literalmente como “*avecsans*” (comsem), onde prevalece o sentido de “sans” (sem).

8

Freud vai concluir que nossos conceitos nascem por ação de comparação, mas ele o faz a partir de uma língua na qual, por exemplo, a placenta é chamada de “bolo da mãe” (*Mutterkuchen*).

Conhecemos a escultura feita por Michelangelo que mostra Moisés descendo do Sinai com as Tábuas da Lei na mão e ostentando dois chifres na testa. Eles são frequentemente interpretados como “chifres da inspiração”, o que é confirmado pela Vulgata de São Jerônimo. Mas é curioso constatar que, para outros tradutores, é dito que Moisés desceu “com um rosto radiante”. Isso ocorre porque o hebraico antigo não possui vogais. Portanto, a palavra hebraica *qrn* pode ser lida como *qeren* ou *qaran*, que em um caso significa ‘chifre’ e no outro, ‘radiante’.

Portanto, a tradução participa do trabalho do significante e nos confronta com o que chamo de “o impossível da relação textual”. “É impossível que uma palavra se signifique ela mesma”; é o que diz Éric Legroux, acrescentando: “a significação de uma palavra é sempre outra palavra, e é neste entremeio que existe um espaço de onde pode fluir um sentido com efeitos de sujeito. A tradução deve, portanto, abrir em outro idioma um espaço que torne possível a leitura, um espaço onde as ambiguidades do texto possam trabalhar/atuar”¹⁰.

Uma metáfora: “o sujeito do inconsciente, um eterno solicitante de asilo”

*Je suis le paria de la famille humaine,
À qui le vent apporte en son sale réduit
La poignante rumeur d'une fête lointaine.
Jules Laforgue (Noël sceptique)*

O sotaque que resiste a qualquer correção ou reeducação pode resistir a se estabelecer na terra linguística de acolhimento, tornando o migrante um “pária” de sua nova família linguística. “Pária da família humana” em Laforgue; “lixo” ou “larva” em Lacan, essas são de fato duas versões do des-ser (*dés-être*), da dessertrificação (neologismo do francês *dés-être*), que se fazem ouvir aqui, uma pelo poeta, a outra pelo analista. Para o primeiro, o sujeito em desamparo se esconde em “seu cubículo sujo”. Convocar estes dois autores é questionar os lugares de refúgio que o ser “só no mundo” pode eleger, “engrenagem insignificante”¹¹, como dirá Freud, eterno estranho ao seu desejo.

Para qual lugar ir, onde se inscrever? Mas a que lugar retorna (pelo sotaque, por exemplo)? Quem é o sujeito que se inscreve nesse movimento: um sujeito submisso aos emblemas que sua origem lhe infligiu ou um sujeito que se inscreve em uma travessia travada entre dois polos, aquele de onde ele vem (onde estava inscrito) e aquele para onde ele vai (onde ele vai emergir... e vai ficar em-margem)?

Diante das práticas políticas, sociais e pedagógicas do acolhimento, como não ceder ao imperativo do impossível, do caos, à babelização, às guerrilhas institucionais, ou, ao contrário, como garantir que a religião ou a psicanálise não sejam feitas reféns como soluções para o caos?

Se o pedido de asilo é uma realidade inscrita no real social e no discurso sociológico, o tomaremos aqui como uma metáfora (Gillie, 2013).

Essa “crise” do solicitante de asilo não é apenas uma crise que se atualiza no *Malaise dans la Kultur*, mas uma posição psíquica inerente ao *Wunsch*, a esta sede inalterável de um elo com o outro, busca por amor e sede de amor, forjando um caminho caótico entre desilusão, desencanto e a reatualização do desejo filtrado pela Falta. O sujeito do inconsciente, sujeito que fala e sujeito que deseja, é um “eterno solicitante de asilo”, pedindo para romper sua errância e seu exílio, a fim de encontrar acolhimento no lugar do Outro, ou no lugar dos outros, braços abertos que dão corpo à sua busca de amor. O que o esperaria lá é uma espécie de “encontro em terra desconhecida”.

Por sua vez, a migração é movimento: movimento de um lugar para outro, deslocamento do sujeito que estende sua mão em direção a um objeto que sempre escapa. Migrar vem do

latim *migrare* “ir embora, de um lugar, emigrar”. Observamos também o latinismo *migrer* “ir a algum lugar”, em 1558. No discurso médico, a migração é o deslocamento de um parasita, de um hospedeiro intermediário a um hospedeiro definitivo, ou de um órgão a outro, no mesmo hospedeiro! Temos aqui, então, toda uma clínica do deslocamento, do *pas de côté*, da passagem, do ultrapassar; a passagem de um discurso a outro toma aqui a forma da passagem de uma língua à outra, mas também de uma linguagem à outra. Ao ponto de se sentir como um corpo estrangeiro em um organismo — este é o outro nome da instituição — um corpo social para o qual a solicitação dá lugar a um formulário a ser preenchido.

No entanto, algumas observações fundamentais devem ser feitas em relação ao pedido de asilo, que interessa igualmente ao discurso jurídico.

O solicitante de asilo é aquele que pede uma ajuda àquele que poderia encontrar um lugar para ele e realizar um ato de inserção, o de o fazer ‘passar’ de estrangeiro, apátrida, desenraizado, a um lugar de hospitalidade social, mas também de “hospitalidade linguística”. Aquele que é proibido de permanecer, expatriado, expulso é, contudo, aquele que ainda não tem o estatuto de “refugiado”, mas cuja solicitação está sendo examinada. Quando essa solicitação tiver sido apresentada e enquanto estiver pendente, o solicitante não pode ser barrado na fronteira. Observemos que, qualquer que seja o seu estatuto de origem, a legislação determina que ele deva ser abordado “numa língua que supostamente compreenda”¹². O solicitante de asilo é um ser prejudicado, vítima de desrespeito e de violação dos direitos humanos.

10

É bastante curioso lembrar a origem religiosa do direito de asilo. De fato, desde o século XII — muito antes, sem dúvida — estava na tradição cristã a noção de que dar asilo conduzia a dar refúgio em igrejas, presbitérios e mosteiros a qualquer vítima de perseguição. Esse direito de asilo era então chamado de “les immunités” (as imunidades), dado a qualquer pessoa vítima de perseguição, banida ou perseguida, de encontrar refúgio em um local sob autoridade eclesiástica; em nome dos textos sagrados onde “a casa de Deus é o refúgio do pobre pecador”. Somente na Convenção de Genebra de 1951, os Estados signatários se comprometem com a obrigação de proteger qualquer pessoa reconhecida como “refugiada” segundo a lei. No lapso de tempo — que às vezes pode se estender por vários anos — entre o pedido administrativo e o reconhecimento do estatuto de refugiado, às vezes sem documentos, o solicitante se encontra em uma posição de “estadia temporária”.

Pedir asilo é, portanto, pedir um lugar de acolhimento, um lugar de salvação, mas também um lugar de fala. É um lugar às vezes temporário, onde o Desejo de hospitalidade do

Outro pode derrotar a angústia, a angústia de existir. O pedido é a oração profana, o chamado, que é frequentemente encontrado na esfera social enquanto formulário, onde importa marcar o “x” no local correto. Em nome de uma solução social, um comitê vai legislar sobre essa solicitação, supostamente desejada. O solicitante é o suposto ‘desejante’ aos olhos do outro social, que às vezes pode ouvir seu desejo com suspeição. “*Poète, vos papiers!*” (Poeta, seus documentos), poderia cantar Leo Ferré no texto de Aragon¹³.

Poète, vos papiers!

Syndiqué de la solitude / Sédentaire des longitudes

Tumeur de la fonction urbaine / Don Quichotte du crève-cœur

[...]

Ventre affamé qui tend l'oreille

Maraudeur aux bras déployés

Pollen au rabais pour abeille

Tête de mort rasée de frais

Rampant de service aux étoiles

*Pouacre qui fait dans le quatrain*¹⁴ (Ferré, 1970)

11

Mas qual é o pedido do solicitante de asilo? Que atendamos às suas necessidades, que escutemos suas queixas, que o ajudemos a preencher o buraco da dívida por ele contraída ao entregar sua fortuna aos passadores? Uma dívida que ele vem peneirar — como a clínica nos ensina — com as chamadas compras compulsivas, que vão desde uma coleção de plantas para dissimular as paredes vazias, até um amontoado de objetos inúteis, com os quais cria um baluarte para si mesmo.

O solicitante de asilo — que pode ser um solicitante de asilo político — é um eterno fronteiro, que efetua passagens constantes, repetidas, de um lugar a outro.

A língua trai, no próprio cerne da escolha dos significantes, o deslocamento que ocorre no “cuidado” ou no “acompanhamento” — a uma política de “acolhimento”. Nos centros de acolhimento, mesmo por parte dos psicólogos, nos referimos a eles como “residentes” e não como “pacientes”. Excluídos de todo lugar, vindos de lugar algum, sob ameaça crônica de expulsão, eles são aqueles que, no momento de uma entrevista educacional, social, psicológica, residem em um lugar que nunca chamarão de “minha casa”, muito menos de “nossa casa”. Qual é a demanda, que surge de qual Apelo, e à margem da qual se desenha que desejo?

Na prática clínica, essas solicitações podem assumir formas múltiplas; e não podemos detalhá-las aqui. No entanto, vale ressaltar a força dessa metáfora que dá, assim, um rosto ao *Wunsch*, como uma busca interminável, que nunca encontra uma resolução. Uma dupla metáfora que pode ser encontrada tanto no léxico social quanto no léxico freudiano.

O léxico freudiano da deslocalização para outro lar

Em *L'Avenir d'une illusion*¹⁵, depois de ter descrito o deteriorado senso de si mesmo daquele que designamos como “solicitante de asilo”, Freud mostra como uma ilha de refúgio pode emergir onde uma elaboração de angústia é possível:

se no cerne dos elementos . . . estamos cercados por seres idênticos aos que conhecemos bem em nossa própria sociedade, então suspiramos aliviados, nos sentimos em casa — no coração do estrangeiro perturbador (*heimisch im Unheimlichen*) — e podemos elaborar psiquicamente sua angústia desnuda de sentido. (Freud, 2010, p. 112)

12 Lembremos que em alemão *Heim* quer dizer ‘lar’, mas também pátria. É dela que o estrangeiro, o apátrida, lembra com pesar, e é por ela que ele anseia com uma nostalgia ‘desejante’. Recordemos que, em 1919, Freud escreveu um artigo intitulado *Das Unheimliche* (1919/1985), mais comumente traduzido como “A inquietante estranheza”, no qual ele mostra — como escreveu Philippe Julien — “a estranheza toda íntima, a ‘extimidade’ do recalque inconsciente, e que retorna com surpresa e espanto. ‘Aproxime-se dessa estranheza em você mesmo’”. Paul-Laurent Assoun conclui: “Sentir-se ‘*heimisch im Unheimlichen*’, em sua própria casa ou dentro de casa no exterior perturbador — o do eterno estrangeiro (*ewigfremd*) da natureza: esse é o paradoxo da domiciliação cultural. Isso, portanto, torna possível elaborar a angústia”.

Portanto, o solicitante de asilo é, de fato, a própria figura de quem se encontra estrangeiro e pede um lugar de refúgio onde possa se sentir “como se fosse em casa, no coração do estrangeiro perturbador”. Esse neologismo, em sua própria ambiguidade, designa um sentimento de deslocalização para quem o experimenta, tornando-o estrangeiro (para si e para os outros) dentro do próprio familiar. Se a tradução deve recorrer ao simples termo “perturbador”, não nos esqueçamos da angústia que esse termo incarna.

Mas essa “dor de existir”, que pede asilo ao campo do Outro, esbarra — além da formulação de um pedido impossível — na expectativa da resposta, na angústia e na fantasia de uma resposta deslocada e na intuição surda do encontro de um vazio sem voz¹⁶, no lugar de

um Deus ou de uma figura social do grande Outro. O sujeito mergulhado no mutismo se sente “condenado à perpetuidade” (Gillie, 2011) a reformular seu pedido: o de que lhe seja dada hospitalidade no lugar do Outro. “Das profundezas clamo a ti” (*ich ruf zu dir*) é o título que Bach deu a um de seus corais dos Salmos. O lugar de origem é o abismo, outro nome do desamparo, o *Hilflosigkeit*, estado de ausência de ajuda e de recursos, de ‘*désaide*’ (desajuda), de sentimento de abandono, sentimento de “solidão moral” que foi o sentimento que Cristo encontrou na cruz (“Pai, por que me abandonaste?”). O solicitante de asilo então se considera uma pessoa deixada para trás, podendo tomar por nome “o solicitante de orelha furada”, como Jean-Richard Freymann o chama em seu livro *Passe, un père et manque* (2008). Mas essa demanda ditada pela necessidade do sujeito que está passando pela prova do “des-ser” (*dés-être*) mascara o desejo. É o que Lacan expressa desta forma:

O desejo se produz para-além da demanda, na medida em que, ao articular a vida do sujeito com suas condições, ela desbasta ali a necessidade, mas também ele se cava em seu para-aquém, visto que, como demanda incondicional da presença e da ausência, ela evoca a falta-a-ser sob as três figuras do nada que constitui a base da demanda de amor, do ódio que vem a negar o ser do outro e do indizível daquilo que é ignorado em seu pleito. (Lacan, 1958, p. 630)

13

Conclusão: o tempo de uma vírgula

No fim deste périplo, encontramos esta ancoragem do desamparo de alguém que “perdeu tudo” — até seu porto de origem — para uma terra que acolhe seu desamparo, figura do Outro, do portador social de uma língua outra, e que possa responder ao seu pedido de asilo com uma pergunta: “O que você quer”? “Abordagem que dá uma versão surpreendente do *Che vuoi*”, como Paul-Laurent Assoun (2013) especifica: “Não é o retorno da entidade demoníaca que convoca o sujeito a recusar sua vontade, mas a Vontade do Outro que o convoca, em contrapartida, ao seu próprio desejo”.

Reencontrar o desejo originário por trás do pedido, é de fato para esta travessia que a análise convoca, inscrevendo-se no tempo do desejo que abole a cronicidade.

Então, deslocalizar-se, exilar-se a si próprio de uma língua pré-formatada por certos discursos políticos e pelo hábito da língua materna, é partir por um caminho de interrogação do desejo mascarado pelo pedido de asilo e de amor que é feito ao Outro, é de fato partir para

um “encontro em terra desconhecida”; de ir ao encontro de um lugar impossível, onde a língua tenta fazer equações a partir das incógnitas do outro.

O homem é o lugar do Outro, do que ele constrói em si como Outro à sua própria imagem.

Esse lugar do Outro é o lugar do enigma, o lugar da pergunta que reacende o desejo, que não cessa de questionar o homem sobre o que ele quer; é o lugar de invocação do *Che vuoi*, e é porque o sujeito do inconsciente não conhece a resolução (solução) final que o enigma pode continuar a atizar a pergunta e a injunção: “siga na direção de si mesmo, próximo do si mesmo desejante”. E um dia você passará a fronteira que o separa do outro que há em você, desconhecido para você? Neste momento de conclusão, retomaremos estes versos de Aragon, que depositamos no *incipit*, para não dar lugar à separação:

Un jour tu passes la frontière / D'où viens-tu mais où vas-tu donc . . .

Je me regarde et je m'étonne/ De ce voyageur inconnu . . .

Peu à peu tu te fais silence / Mais pas assez vite pourtant

Pour ne sentir ta dissemblance / Et sur le toi-même d'antan

Tomber la poussière du temps

Aragon : Ferrat (*J'arrive où je suis étranger*)

14

“Eu chego onde sou estrangeiro”, poderia ser a versão de Aragon da injunção freudiana do *Wo Es war, soll Ich werden*. No entanto, essa fórmula tão comentada é destituída da vírgula, que dá ritmo às duas proposições. Vírgula da Passagem, que, onde havia um passado que retorna, atualiza — o tempo de uma vírgula (a vírgula indicava uma respiração nos textos latinos que eram entoados) — esse tempo suspenso, o tempo de passagem a uma promessa de futuro que já está.

No lugar ocupado pelo solicitante de asilo, é um sujeito desalienado do seu pedido que deve se manifestar, um sujeito capaz, portanto, de dar nome ao seu desejo.

REFERÊNCIAS

Assoun, P.-L. (2013). La voix jalouse et le ‘feu dévorant’ ? L’inconscient monothéiste”. In C. Gillie (Org.), *La voix sur les Braises*, Simpósio Voix/Psychanalyse 2012. Solipsy.

Benjamin, W. (1971). *Mythe et violence* (v. 1), Denoël.

Benjamin, W. (1971). « La tâche du traducteur ». *Mythe et violence*, v. 1, p. 261-262, Denoël.

-
- Bonaparte, M. (2004). *Topsy, les raisons d'un amour* (S. Freud, Trad.). Edition Payot et Rivages. (Obra originalmente publicada em 1937)
- Delbe, A. (1995). *Le stade vocal*. L'Harmattan.
- Ferré, L. (1970). Poète, vos papiers [Música]. On *Amour Anarchie*. Barclay Records.
- Freud, S. (1985). *L'inquiétante étrangeté et autres essais*, Folio essais.
- Freud, S. (2010). O futuro de uma ilusão (P. C. Endo, E. L. de Sousa, Ensaio biobibliográfico; R. Zwick, Trad.). L&PM. (Obra originalmente publicada como *Das Unheimliche*, em 1919)
- Freymann, J.-R. (2008). *Passe, un père et manque*. Eres.
- Gillie, C. (2010). *Les voix muettes de l'opéra*. Colloque de musicothérapie Paris V-2009, Revue française de musicothérapie.
- Gillie, C. (2011). Voix flagellées, voix transfigurées ; la condamnation vocale à perpétuité. *Simpósio Anthropologie et Psychanalyse/Clinique de La Marge*, Grécia.
- Gillie, C. (2013). Le sujet de l'inconscient. Un éternel demandeur d'asile. *Journée d'étude EPCI Le retour du religieux*. Editora EPCI.
- Gillie, C. (2014). La traduction à l'épreuve de l'inconscient ; destins de l'allemand freudien. *Figures de la psychanalyse*, 28, 123-137. <https://doi.org/10.3917/fp.028.0123>
- Gillie, C. (2016, 4 de abril). L'effet Babel dans l'entre-deux langues. *Les enjeux actuels de la traduction, Séminaire Traduction et Transdisciplinarité*, Paris.
- Gillie, C. (2016, outubro). La voix gorge de Pigeon. In C. Klein-Dallant (Org.), *De la voix parlée au chant*. Editions Klein-Dallant.
- Gillie, C. (2017) Retours à la lettre freudienne. Contours et détours d'une langue à l'autre. In E. B. Rossi, P. H. Tavares, W. C. Costa (Org.), *Psicanálise entre línguas*. 7 Letras.
- Gillie, C. (2017, 17 de junho). La traduction ; du contact fugitif entre les langues aux douleurs de l'enfement. *L'opération detraduction et son enjeu. A partir de l'oeuvre de G.A. Goldschmidt, Simpósio Espaço Analítico*. Paris.
- Green, J. (2004). *Le langage et son double*. Fayard.
- Julien, P. (2008). *La psychanalyse et le religieux: Freud, Jung, Lacan*. Paris: Cerf.
- Lacan, J. (1958). *Écrits*. Paris: Seuil.
- Laplanche, J. (1997). *Le primat de l'autre en psychanalyse*. Flammarion.
- Poizat, M. (1998). *Variations sur la voix*. Métailié.

Toutin, C. (1984). A travers les langues. *Littoral* [Traduction de Freud, transcription de Lacan], 13, 43-52.

¹ Texto original em francês: Gillie, C. (2020). *Traduire au risque de l'interprétation : demander asile ou exil dans la langue de l'autre*, publicado em A. Castelain, *Traduction et migration: enjeux éthiques et techniques*. Presses de l'Inalco.

² “J’arrive où je suis étranger”, da coleção *La Diane française* (1944), Aragon entoado por Ferrat.

³ Todas as citações do artigo foram traduzidas por nós.

⁴ Esta expressão será esclarecida mais tarde, referindo-se a Benjamin.

⁵ Tradução do alemão de J. Lacan de um artigo de Freud « *Über einige neurotische Mechanismen bei Eifersucht, Paranoia und Homosexualität* » (1922), publicado pela primeira vez em *Internationale Zeitschrift Psychoanalyse*, Bd VIII, 1922. Essa tradução foi publicada na *Revue française de psychanalyse*, 1932, tomo V, n°3, pp 391-401.

⁶ Expressão de André Michels, que ele usou em nossa jornada consagrada à tradução no Espace Analytique, em 7 dezembro de 2014: *D’une traduction à l’autre, transferts de langue*, da qual encontramos trechos aqui.

⁷ Como escreve Michel Cresta na revista *Littoral*, número 13, em seu artigo “Au-dessus des fragments d’un langage plus grand”: “Benjamin coloca a tradução no campo da arte. Mais precisamente, ele mede o movimento da tradução com a forma artística”.

⁸ K. Abel, *Traité philologiques*, texto de 1884, reeditado em 1924. Freud frequentemente se baseava na obra de Abel, à qual ele se referiu novamente em 1916 com a 1ª e 15ª Lições de Introdução à Psicanálise

⁹ *Ibid.*, p.7.

¹⁰ Excerto da revista *Littoral*, número 13, comentário de Éric Legroux sobre “o sentido antinômico de palavras primitivas”.

¹¹ Claire Gillie, tradução de *L’avenir d’une illusion* de Freud, com um glossário de termos freudianos, na edição crítica de Paul-Laurent ASSOUN, *collection Psychanalyse et Religion*, Cerf, 2010, setembro 2012.

¹² Regulamento (UE) n° 604/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho, em 26 de junho de 2013, conhecido como Regulamento DUBLIN. Também é encontrado no Artigo L. 733-5 do Código de Entrada e Residência de Estrangeiros e do Direito de Asilo.

¹³ Cf. Acima um trecho deste texto e *incipit*.

¹⁴ Léo Ferré, “Poète, vos papiers” (1956), publicado no primeiro volume do álbum *Amour Anarchie* (1970).

¹⁵ Em português: Freud, S. (2010). O futuro de uma ilusão. L&PM.

¹⁶ Cf. O capítulo sobre “le Dieu aphone » em nossa tese. Reproduzido em Claire Gillie, « Les voix muettes de l’opéra », em *Colloque de musicothérapie Paris V-2009, Revue française de musicothérapie*, 2010.